



Teoria Social Espírita



© 2025 – Conhecimento Editorial Ltda

Teoria Social Espírita

ORGANIZAÇÃO: ALEXANDRE JÚNIOR

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Luiz Gustavo O. dos Santos
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens
ISBN 978-65-988297-0-4
1ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Júnior, Alexandre (org.)

Teoria Social Espírita: fundamentos da igualdade e da justiça / Org. Alexandre Júnior – Limeira, SP: O Espírito Político, 2025.

254 p.

Diversos autores

ISBN: 978-65-988297-0-4

1. Espiritismo 2. Justiça social 3. Igualdade 4. Ciências sociais - Aspectos religiosos I. Alexandre Júnior

25-3559

CDD – 299

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

AUTORES DIVERSOS

TEORIA SOCIAL ESPÍRITA

FUNDAMENTOS DA IGUALDADE E DA JUSTIÇA

1ª edição – 2025



SUMÁRIO

ALEXANDRE JÚNIOR

Prefácio (7)

1

MAGDALA MONTEIRO

A tensão entre o pensamento tradicional e as novas ideias (12)

2

ALEXANDRE JÚNIOR

Fundamentos da igualdade e da justiça (29)

3

LUIZ GUSTAVO OLIVEIRA DOS SANTOS

Espiritismo e política: um olhar sobre o poder (46)

4

LUIZ SIGNATES

Espiritismo e justiça social (70)

5

JERRI ALMEIDA

Um olhar sobre a sociedade do desempenho (91)

6

ELIAS MORAIS

Riqueza, pobreza e miséria (106)

7

ROSEANA MARQUES

Justiça social do Trabalho:
avanço social ou mantenedora da desigualdade? (124)

8

LIDIA VALESCA BOMFIM PIMENTEL RODRIGUES

Solidariedade e justiça social: os fundamentos da
ação com pessoas em situação de rua no
Grupo Espírita Casa da Sopa (135)

9

JACIRA SILVA

Justiça e encarceramento (151)

10

ALESSANDRA BUARQUE DE ARAÚJO SILVA

A contribuição espírita para uma
promoção social inclusiva (169)

11

ALCIONE MORENO

Os desafios da igualdade de gênero (192)

12

RAFAEL VAN ERVEN LUDOLF

Reflexões sobre justiça social multiespécie (216)

13

JANET CERRA

Caminhos para uma sociedade justa e igualitária (234)

Teoria social espírita: fundamentos da igualdade e da justiça nasce num momento peculiar da sociedade contemporânea, em que se vive um cenário geopolítico extremamente conturbado e vários questionamentos são feitos, como exemplo: genocídio do povo de Gaza, ataque de Israel ao Irã, forte crescimento da extrema-direita, produção massiva de *fake news*, anticientificismo.

Em meio a esse painel, surge esta obra literária, entrecortada por várias situações, atravessada, transversalizada por diversos indivíduos, apresentando inúmeras nuances da vida sociopolítica, várias realidades. E se manifesta de forma organizada, compreendendo para além do que seria preciso para a construção de uma *teoria social espírita*. Para alcançar esse objetivo, usufrui do que há de melhor em cada teórico que aceitou esse desafio, por compreendermos a importância de se construir uma tese social espírita – para o robustecimento conceitual de proposições, até aqui, pouco investigadas e/ou exploradas de formas equivocadas pelos espíritas. Temas como racismo, racismo religioso, LGBTQIAP+ fobia, gênero, sexualidades, sexismo, misoginia, xenofobia, carecem de um Espiritismo teoricamente estruturado para poder dialogar com as Ciências Humanas de nosso tempo, com os movimentos sociais e, então, oferecer a possibilidade de um pensar que se estabeleça a partir das perspectivas da justiça e da igualdade social.

São 13 capítulos escritos por 13 intelectuais do Brasil inteiro, que versam sobre as mais diversas temáticas, e cada um colabora com a sua visão para a produção de uma vasta e diversa oferta de possibilidades de produção de saberes e conhecimentos.

Nesse ínterim, percebemos a escrita desenvolver-se no sentido de tornar dialogável a necessidade preeminente de construirmos uma teoria social que seja genuinamente espírita, mas que encontre nas Ciências Humanas, nas interações sociais, nas ações coletivas, a sua melhor forma de se constituir. Assim, os capítulos, que foram escritos de forma emancipada e autônoma, vão se edificando de maneira independente, coesa e coerente, abordando vários aspectos que consideramos imprescindíveis na formação de um pensamento sistematicamente teórico.

Percebemos que a riqueza se dá na diversidade da escrita, já que os autores atuam em diversos campos da produção do conhecimento. Avalio que este livro tenha sido construído de forma bastante democrática, pois seu objetivo está inteiramente ligado à ideia de que cada escrevente possa dar o melhor de si, à sua própria maneira, sem intervenções que pudessem tirar de cada uma e de cada um o direito de ser e de pensar.

Dessa forma, tem você, cara leitora e caro leitor, o direito de se sentir ou não contemplada ou contemplado com o que aqui segue escrito. E de antemão lhes digo que, sob nenhuma circunstância, é, foi ou será objetivo do selo editorial “O Espírito Político” produzir verdades absolutas e incontestáveis; muito pelo contrário, convém estabelecermos que a nossa ideia é “jogar para o universo” os pensamentos de todas as escritoras e escritores que participam desta escrita, para que, em campo amplo, possam ser, por cada uma e cada um de vocês, medidos, pensados, refletidos, discordados, concordados, contraditos. Acreditamos que o conhecimento se dá na partilha, contudo, jamais sem um contraditório respeitoso e seriamente estabelecido. Portanto, não estamos em busca de nenhuma unanimidade e, nesse sentido, esta obra literária vem colaborar bastante para que, juntas e juntos, possamos pensar na importância da construção de uma teoria social espírita que seja capaz de discutir igualdade e justiça social.

Assim sendo, não apresentamos ideias acabadas,

prontas, ou regras estabelecidas para a conquista de qualquer “nirvana”; apenas caminhos teóricos que, juntos, podem ou não viabilizar a formatação de uma teoria social espírita. Desse modo, é importante que possamos discutir **a tensão entre o pensamento tradicional e as novas ideias**, para que tenhamos condições de promover uma ação que identifique os caminhos que estamos seguindo, os que podemos seguir, como refletir sobre as nossas ações, onde desejamos chegar e o que fazer para tal, e isso pensado a partir da leitora e do leitor, e não necessariamente por quem está produzindo a escrita – nada mais justo e mais democrático.

Teoria social espírita: fundamentos da igualdade e da justiça chega até você como uma brisa suave, despretensiosa, mas comprometida com a busca do entendimento, sem se abster da relação entre **Espiritismo e política: um olhar sobre o poder**. Pensamos nas próprias condições da sociabilidade humana, no surgimento do poder político e como ele se manifesta ao longo da história, a partir das obras de Allan Kardec e J. Herculano Pires. Nisso, analisamos as ações do capitalismo na produção das relações políticas, relacionadas com o controle da informação; consequentemente, investigamos as ações de poder, estabelecidas a partir da luta de classes, tantas vezes negligenciada e escamoteada pelos dominantes para a manutenção do *status quo*.

São narrativas construídas a partir de um olhar sociopolítico, espiritualista e espírita, nas quais têm peso o **Espiritismo e a justiça social**, de forma a contemplar a produção de senso crítico – não de forma isolada, contudo, transversalizada, interseccionada com as realidades de nosso tempo.

Erigimos **um olhar sobre a sociedade do desempenho**, sobre a sociedade do cansaço, bem como a sociedade do espetáculo. São pensamentos, proposições que se somam de maneira objetiva e têm por fim a democratização das ideias, de modo a percebermos como se dá a ação kardeciana de produção legítima do livre pensar, do livre pensador. Essa aná-

lise contempla realmente a relação entre **riqueza, pobreza e miséria**, com objetivo de abriremos campo discursivo sobre políticas públicas que prezem por melhor distribuição de renda e consequente produção de igualdade e direitos trabalhistas, questionando a atual **justiça social do trabalho: avanço social ou mantenedora da desigualdade**, por exemplo.

Essas reflexões se somam de forma potente e, juntas, visam quebrar paradigmas instituídos pelo espiritismo brasileiro; fazendo questionar, por exemplo – como faz a Casa da Sopa, instituição situada em Fortaleza/Ceará – o motivo da existência de **pessoas em situação de rua**; investigar, de forma séria, a relação entre **justiça e encarceramento**; indagar acerca da **contribuição espírita para uma promoção social inclusiva**. Sempre levando em consideração a realidade social concreta, a relação com as Ciências Humanas e com as ideias e ações dos movimentos sociais, como forma de produção de saberes que nasçam da troca e da partilha.

Essa perspectiva teórica nos daria a condição de poder escrever e discutir, propor e refletir sobre qualquer assunto, partindo de pressupostos produzidos por um viés espírita. Dessa maneira, falarmos sobre racismo ou **os desafios da igualdade de gênero**, ou mesmo **sobre justiça social multiespécie**, não seria proibido nos meios espíritas. Com isso, substanciaríamos nossos saberes nascidos da discussão, da partilha, do contraditório, o que nos tornaria produtores desses mesmos conhecimentos, em vez de tão-somente reprodutores dos mesmos. Daríamos um salto grande na maneira de fazermos Espiritismo; qualificaríamos a nossa práxis, produzindo movimentos derivados dessa realidade descentralizada, democrática e inclusiva.

Por fim, convém frisarmos que as ações que nos faltam, enquanto *coletivo espírita*, precisam ser precedidas, raciocinadas a partir de uma *relação entre o Espiritismo, as Ciências Humanas e os movimentos sociais*, com observações e reflexões que sejam atravessadas por uma noção robustecida de realida-

de social concreta, capazes de propor senso crítico, sobretudo socialmente engajadas, que se posicionem politicamente. Que não sejam reprodutoras de textos “despolitizados”, “omissos”, mas que, pelo contrário, venham a fomentar ações visando a produção de **caminhos para uma sociedade justa e igualitária**.

A estrutura dos capítulos segue a sequência das ideias centrais de cada um, numa ordem que compomos buscando seu desenvolvimento didático e histórico, a saber: partindo do capítulo sobre as tensões dos *pensamentos antigos* com os novos, prosseguimos com aqueles que tratam dos temas da filosofia social espírita *mais teóricos e amplos*, continuando com os que tocam a assuntos sociais *cada vez mais concretos e específicos* sob a ótica espírita, até encerrarmos com o que contempla as *propostas sociais para o futuro* melhor.

Este prefácio tem como objetivo fazer um pequeno apanhado do que pode ser este livro, mas, antes de tudo, deixar que vocês próprios, cara leitora e caro leitor, sejam envolvidos por esses escritos. Lembro que não é, e não será objetivo, produzir verdades absolutas e incontestáveis; longe disso. Lançamo-nos no campo da diversidade para colhermos o que nos for oferecido de retorno, como parte integrante das possibilidades de construção de saberes e de conhecimento que só se dá no exercício democrático das convergências e dos contraditórios. É nisso que acreditamos e por isso escrevemos.

Boa leitura!

A tensão entre o pensamento tradicional e as novas ideias

A teoria social é uma estrutura analítica ou paradigma usado para estudar e interpretar fenômenos sociais. Variados pensadores contribuíram ao longo dos tempos para esse entendimento, favorecendo que ora possamos pensar e analisar o contexto em que vivemos, levantando as inúmeras questões sociais do momento presente, buscando meios e ferramentas para tornar tudo conforme a essência da própria teoria. A teoria social espírita vem sendo pensada enquanto uma construção.

No tocante a essa questão, pesquisei as ideias que constam na obra *Fundamentos para uma teoria social espírita*, de Luiz Signates, onde ele se põe a debater o tema conforme a contemporaneidade. Segundo sua proposta, que dialoga com as ciências do nosso tempo, todos devem questionar as ideias pesquisadas e contribuir para que, de verdade, essa teoria entre em funcionamento, pois ela está sendo construída – e, dentro do meio espírita, devem ser ampliadas todas as questões humanas. Ele persiste na sua teoria enquanto uma criação fundamental, e se, afinal, são coisas da vida de todos, não se pode isentá-la dos questionamentos de todos, porque esta talvez seja a garantia do seu sucesso: iniciar pela participação de todos – porque, sendo coletivamente construída e massivamente divulgada, favorecerá o entendimento em todas as comunidades.

[1] Membro da Sociedade Espírita Sorella e do Instituto MES; *podcaster* do *SorellaCast*; articulista da *Revista Perspectivas* da SESorella e do blog da Editora Lachatre. Licenciada em Filosofia e pós-graduada em Psicopedagogia.

Por um raciocínio voltado para a essa teoria em construção, com a qual todos podem contribuir, fica visível que alguns pontos devem ser considerados. Vejo o primeiro como sendo o exame atento às pesquisas dos estudiosos das Ciências Sociais hoje, para a interpretação dos fenômenos existentes agora, relacionando com o que já foi explorado no passado, acrescido do que vem sendo produzido pelas ideias contextualizadas do Espiritismo em obras literárias e atividades nas obras sociais. Um segundo ponto seria a visualização de ações efetivas que promovam os debates sobre os fenômenos sociais do momento. E, por último, a identificação das tensões e divergências entre o pensamento tradicional e as novas ideias, buscando o diálogo com os pares. Pode ser esse o primeiro passo para se perceber, primariamente, o que seja a proposta de uma teoria social espírita na prática.

Quanto a essa teoria ser aceita no cotidiano dos espíritas, há grande distância entre conhecê-la e praticá-la. Há recorrentemente, na vida prática atual, inúmeras tensões que dificultam o cotidiano de todos. Talvez caiba neste momento aproveitarmos as oportunidades que o diálogo suscita com os desafios existentes, superando-os aos poucos, em direção a resultados que se alinhem com uma visão geral do campo social, reestruturando-a.

Uma multiplicidade de divergências sobre os fenômenos sociais atualmente surge. Entre elas, o próprio existir da Sociologia, que é motivo de tensões, que se misturam também com o que é proposto para o bem comum. Nem sempre o estudo dos temas sociais é bem visto e compreendido. Para muitas pessoas, não é nada relevante; nem há interesse em se conhecer um conteúdo que defende ideais, segundo alguns, “ímorais”.

De que verdadeiramente tratam as Ciências Sociais é algo equivocadamente visto às avessas, sendo um campo do conhecimento posto à margem, que sofre estigmas e é rotulado por discutir questões que invadem a vida de quem preza os “bons costumes”. Muitas vezes, as pessoas que assim pensam seguem

respostas prontas, que acomodam bem em suas mentes, pois elas aguardam uma pretensa evolução que lhes foi sugerida. Infelizmente, em certos movimentos políticos contrários às ideias de esperança e fraternidade, são divulgadas noções deturpadas sobre o que seja viver socialmente, colaborando para isso no entorno, e elas viralizam fazendo com que muitas mentes se transtornem e alimentem ideias que culminam com o desprezo às pessoas, ao pensar e ao refletir, gerando descrédito, preconceitos e sentimentos de menos valia por essa área do conhecimento e pelos que nela transitam.

A Ciência Social não é bem-vinda quando suas ideias são pela defesa dos direitos das minorias, principalmente se lançadas na prática dos dias. Acontece também, infelizmente, no meio espírita, assustando o bom ouvinte que só chegou ali em busca de certo bem-estar do qual anda excluído. Por ser carente de um olhar mais atento sobre suas necessidades – o que todo ser humano deseja –, busca seguir a vida, acreditando nos sinais de progresso para ele também, já que é tão vitimizado no seio da sociedade.

Será que a falta de interesse pelo verdadeiro conhecimento filosófico e social dos postulados espíritas é a causa do avanço de notícias desarticuladas com o real, favorecidas no próprio meio espírita?

Muitas vezes, tais ideias circulam através de pessoas conceituadas, aumentando assim a não-aceitação de qualquer explicação da realidade por uma ciência séria e comprometida com os fenômenos atuais, culminando então na implementação de trabalhos assistenciais desvinculados dos reais interesses do público-alvo.

Outra questão é a posição religiosa que vem à frente, que favorece um certo “silêncio”, que conduz os neófitos a um comodismo, aguardando a “salvação” – pois em nome da tal moral, dos costumes estabelecidos, que já foram “revelados” e que estão postos, as criaturas se submetem ao controle de uns e de outros ícones, que garantem o bem-estar de quem se “reforma intimamente”.

A ideia de uma “salvação”, existente em outras crenças e adaptada para o Espiritismo, se torna presente quando esse tipo de Movimento é naturalizado.

A respeito dessa controvérsia, Márcio Sales Sarai-va^[2] anota em seu livro *Espiritismo hoje: breve introdução*:

são “quietistas”, no espiritismo brasileiro, aqueles que defendem o silêncio diante das questões sociais, econômicas e políticas que abalam o mundo. Estes entendem que o espiritismo é o caminho de elevação das almas para as regiões celestiais e que desde já devemos nos “desapegar” das coisas mundanas, tais como a política. (...) os espíritas quietistas têm aversão por debates contemporâneos de corte social, cultural, econômico ou político, por serem coisas “inferiores” diante da sublimidade da “reforma íntima”, (...) preocupados apenas com a salvação pela caridade. (Cap. 9, “Quietistas”).

No entanto, o Espiritismo, filosoficamente, tem em sua base o objetivo de apresentar explicações sobre: Quem somos? De onde viemos? Para onde iremos? E muitas criaturas vão às instituições espíritas em busca de resposta a esses questionamentos, acreditando também no acolhimento que desfrutarão. Nem sempre elas entendem o objetivo da doutrina filosófica, mas, com esperança de ter seus conflitos internos, existenciais, em família etc., solucionados, ali se filiam. E muitas vezes a sua chegada no meio espírita é como a tábua de salvação, tendo em vista a busca frustrante por outros caminhos religiosos.

As questões sociais devem girar, sim, em torno da implantação de mais pesquisa e do diálogo constante para aqueles que se compenetraram nessa direção.

Pesquisar e dialogar com os que estão no meio espírita? Sim. Sobre como as criaturas vivem, pensam, fazem. E o que não se dão conta ainda. Promover o refletir, pois que deve ser requerido, ampliado, divulgado e debatido à luz do agora. É urgente tornar o estudo sobre o Espiritismo um parceiro da elucidação

[2] Cientista social, mestre em Políticas Públicas e doutorando em Psicossociologia.

das ideias, trazido para o real, para a prática, para as questões cotidianas que cada um vive e necessita compreender para ter vida pacífica e digna em sociedade, compreendendo o que é um ser social. É muito mais que apresentar apostilas ou obras romaneadas: é a apresentação de reflexões sobre a vida cotidiana, à luz do Espiritismo.

A divulgação de postulados espíritas de forma incompatível com a prática, disseminando o desamor e a falta de caridade, tiram o lugar do amor ao próximo, da fraternidade e da solidariedade, os grandes dispositivos que calçam a função social espírita. Muito necessário minimizar a circulação dessas ideias, em evidência em instituições espíritas e, avassaladoramente, nas redes sociais.

Ser espírita não é cômodo, não deve sê-lo! Tem que ser inquietador, já que tem as bases fincadas na filosofia, que duvida e questiona o porquê da vida.

As criaturas que buscam o centro espírita, com suas dores inúmeras, se multiplicam. Logo, é tarefa dos que estudam o Espiritismo acolher satisfatoriamente os doloridos da vida. Por mais coordenadores, dirigentes que implantem a teoria social espírita, ampliando o socorro aos desvalidos, promovendo o conhecimento aliado às proposições e os debates sobre as situações emergentes! Quem sabe esse movimento estimule a prática da tolerância, da empatia, da solidariedade no meio espírita, algumas vezes esquecidas e mascaradas pelo assistencialismo.

O conhecido axioma “Fora da caridade não há salvação” precisa ser olhado com carinho e praticado efetivamente, para não cair no campo da frase de efeito.

Examinemos o anotado na biografia de Kardec, em *Obras póstumas*:

Ao invés do princípio: Fora da Igreja não há salvação, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas, e que fez derramar tanto sangue, o Espiritismo tem como máxima: Fora da Caridade não há salvação, quer dizer, a igualdade entre os homens diante de Deus, a

tolerância, a liberdade de consciência e a indulgência mútua.

É mútuo, pondera Kardec – mas, infelizmente, não tem feito parte da nossa realidade.

As investigações sociais, as pesquisas, as mesas de debates, as rodas de conversa têm muito a propor, para que as questões sociais sejam compreendidas e a divulgação se faça orientadora dos desavisados acerca das questões de seu tempo.

Desmerecer a vertente religiosa não está em cogitação, pois cada qual escolhe como viver, mas quem puder que faça a diferença onde estiver, com quem quiser, sem pieguismos. Que cada ser aprenda a usar os seus pensamentos a seu favor, apreciando de forma reflexiva os ensinamentos espíritas e se apropriando do conhecimento que hoje está sendo construído e reconstruído.

Que a compreensão da realidade social por quem está a braços com tal Movimento possa promover, no entorno, o conhecimento e a divulgação da ideia progressista, característica intrínseca do Espiritismo.

Contemporaneamente, encontramos vasto material nesse campo a ser estudado, mas o esforço coletivo precisa ser ampliado, com sugestões dessas práticas, porque hoje elas têm sido pesquisadas e transformadas em publicações. As academias abrem as portas para tal construção, onde os aspectos do Espiritismo vêm sendo explorados, formando as ideias que vão sendo ressignificadas.

A multiplicação dos estudos virtuais, dos espaços criados para debate, seja nos coletivos, nos grupos familiares, até em certas instituições, promovem atualmente a participação de todos na oportunidade de discutir sobre os temas que atravessam a vida da sociedade.

Artigos, pequenos compêndios que têm sido lançados – e até obras que contextualizam as ideias de outras já conhecidas – formulam pensamentos que têm ajudado a circular as ideias combativas, estimulando as reflexões sobre as ideias sociais espíritas.

As relações com outras religiões espiritualistas vêm articulando esse pensar para a troca de ideias, trazendo para a discussão a forma como cada crença enxerga a espiritualidade. Isso não se dá com frequência nas instituições centralizadoras, mas pode entrar lá e fazer moradia, para aos poucos trazer a compreensão do real de forma clara e efetiva.

Hoje, o Espiritismo Brasileiro se caracteriza por uma variedade incrível, apesar de ser forte o movimento religioso que ora se evidencia, e tem como exemplos ícones que se apresentam em determinados fóruns de exibição, onde o espetáculo é o momento. E exatamente por isso se torna importante a reconstrução das ideias e das ações sociais para uma teoria social espírita que teça esforços e possa fazer a diferença no seio da sociedade, junto àqueles que desejam o bem-estar geral.

Allan Kardec, pedagogo por disposição, apresentou-se como um ser preocupado com a formação dos outros e dedicado à educação de seu tempo. Lembremos que ele bebeu na fonte de Pestalozzi, sendo capacitado como um pensador de qualidade, aquele que ensina como dedicar suas habilidades para conduzir terceiros na autodescoberta.

Ao se inclinar sobre as ideias progressistas, Kardec aprendeu a lição e nos deixou as instruções, filosofando todo o tempo, incentivando os porquês, pois filosofar é duvidar, é se espantar e questionar. A filosofia é o amor à sabedoria, como definiu Pitágoras, e, por ser também o pensamento debruçado sobre si mesmo, caracteriza o próprio fazer. Em seu fazer pedagógico, Kardec se tornou o facilitador de um processo educativo como caminho.

As contribuições nos fóruns de ação, conduzindo as criaturas para o estudo, se fazem necessárias, agindo cada qual do seu jeito, no seu tempo, sem cobranças, sem pressa, com serenidade e dentro dos limites e possibilidades. À medida que novas ideias surgem, influenciam um novo pensar. Seguir a via educativa facilitará o entendimento acerca das questões sociais contemporâneas.

Quando as percepções das pessoas apontarem para as questões sociais reais – entendendo que ninguém merece viver no sofrimento e sem críticas ao que está estabelecido –, desejando conquistar mais, o Movimento do campo do assistencialismo enfraquecerá e não serão mais gerados nas criaturas mal-estar e sentimentos de menos valia.

Relacionada a isso, temos uma bela anotação de Elliot Aronson^[3], em seu livro *O animal social*:

Todos os seres humanos procuram motivos sociais em graus variados, conforme ditam sua cultura, sua personalidade individual e os detalhes da situação. Quando esses motivos são satisfeitos, temos tendência a nos sentirmos bem; quando são frustrados ou quando as circunstâncias nos colocam em conflito, sentimo-nos estressados, tristes e até menos humanos. (Cap. 2, “Principais motivos sociais”).

Um aspecto que se torna interessante no meio de todos esses movimentos sociais espíritas é o de se pensar exatamente sobre as questões que estão no contexto diário. Se há o desejo dos progressistas de uma sociedade fortemente embasada na justiça, o esforço coletivo tem que se consolidar para eliminação das desigualdades de toda ordem. Parte da sociedade, a que pensa progressivamente, deseja o Espiritismo que não conserve quem busca apoio como apenas um assistido, carente de tudo e sem autoestima, vivendo para ressarcir dívidas.

A compreensão do que é o Espiritismo, de como agir, como pensar, por onde seguir, é fundamental, pois muitos se perderam dos temas básicos e da reestruturação social desejada. É tema a ser proposto para que todos os espíritas cogitem sobre esses debates que circulam entre progressistas e conservadores.

O que caracteriza o pensamento progressista é romper com os padrões sociais tradicionais que alimentam as várias desigualdades. O espiritismo progressista poderá pensar o caminho para alcançar as transformações das estruturas sociais. Esse deve ser

[3] Psicólogo social da Universidade da Califórnia.

o objetivo da tarefa grandiosa que se esboça no momento presente.

Será que essa experiência com o social anda abalada porque falta reflexão constante sobre as bases espíritas?

Quando as pessoas aceitam qualquer ideia, sem pensar nas consequências para a vida de relação, seguem o ritmo do dia delas, levando de forma conservadora as relações; e, se os contrários a fazem pensar, elas resolvem ignorar, pois ficar fora do contexto em que estão estabelecidas é correr o risco de ser excluídas dos movimentos existentes.

Um exemplo é a situação da pobreza alheia, quando ouvimos, por exemplo, alguém preocupado em providenciar apenas o alimento e outros itens materiais, tranquilizando-se, quando conclui, de que a parte que lhe cabia foi feita e que cumpriu com a caridade.

No entanto, se a preocupação primeira fosse de saber quais valores a criatura cultua, se ela tem autonomia na vida, como vai a sua autoestima, algo mais que o material lhe seria fornecido, como: ferramentas para o indivíduo usar sua criatividade, descobrir suas habilidades e conquistar novos caminhos de crescimento, gerando maior desejo de estar na vida.

As ações desse gênero são bem diferentes de dizer para o outro que “esse mundo é assim mesmo” e que, “se ele escolheu viver na pobreza, está no planejamento dele e deve se resignar”.

Como chamar isso de caridade? Quem pode dar conta do passado e do planejamento do outro?

O aprendizado do Espiritismo e a sua prática hoje necessitam estar intrinsecamente ligados a uma visão social mais ampla e a uma reflexão filosófica política de mundo, em direção às ações nas comunidades, contextualizando essa ideia de caridade.

Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, questão 806 nos faz refletir acerca dessa desigualdade social, tão presente em nossos dias: “A desigualdade das condições sociais é uma lei da natureza? ‘Não, ela é obra do homem, e não de Deus.’”